

# O Segredo e os segredos da Mensagem de Fátima à luz das Escrituras

JOSÉ CARLOS CARVALHO\*

**Resumo:** Para lá da história da receção da Mensagem de Fátima, na qual muitas vezes o Segredo foi reduzido ao nível do *secreto*, importa auscultar as fontes desta Mensagem nos relatos das Aparições, para aí haurir a trama e o sentido do que é chamado *segredo*, segredo esse que nas suas partes está hoje totalmente revelado após a decisão de João Paulo II no ano 2000. Quando comparamos este património com os vários significados da temática bíblica do segredo, encontramos muitas afinidades e semelhanças, o que permite construir uma continuidade entre a mensagem de Fátima e a linguagem bíblica do segredo.

**Palavras-chave:** Segredo, intimidade, desvelamento, apocalíptica, revelação, Fátima, mensagem, aparição, mistério.

**Abstract:** Besides what history has shown on the reception the Message of Fatima has received, often the subject/theme of "secrecy" was reduced to what remains secret. Therefore, it is important to listen to the sources of the Message of Fatima in the apparitions narratives in order to check there the sense of what is called in a common way "secret", which is nowadays fully known in all its parts, since in the year two thousand

\* Universidade Católica Portuguesa – Porto.

saint John Paul II has thus decided. When we compare all this with the biblical contents on this matter, we will discover many resemblances which allow to build a common picture and a continuity between both data.

**Keywords:** Secret, intimacy, unveiled, apocalyptic, revelation, Fatima, message, apparition, mystery.

## Introdução

A Mensagem de Fátima ficou muito conotada com as chamadas *três partes do Segredo*, o que numa cultura como a nossa novamente gnosticizada fecundou a imaginação e a deriva hermenêutica próprias de um tempo que relativiza o fundamental face ao relativo. A tentação genesíaca da curiosidade prometeica continuou a vir ao de cima em muita recepção de Fátima, sobretudo na curiosidade saloia que não quer receber nada da transcendência. A narrativa genesíaca continua atual e paradigmática, pois, como leu bem Soren Kierkgaard (1813-1855), quando não se compreende o que está em causa e quando não se abre o coração nem a inteligência a algo maior que nos ultrapassa mas que nos salva, então não há nada em que paire tanta sedução e maldição como num segredo.

Com efeito, tudo aquilo que nos transcende e que, sobretudo, não dominamos tem de ser segredado, tem de ser transmitido com reserva, com pudor, o mesmo é dizer, com respeito. Foi o que aconteceu em Fátima. Por isso, o segredo do amor de Deus, no fundo, o seu mistério, convinha que fosse transmitido a corações beatos, puros, porque esses conseguem estar mais perto desse mistério pela sua pureza e pela sua inocência. Foi essa pureza e essa inocência que conferiram credibilidade às aparições e aos relatos dos acontecimentos por parte dos Pastorinhos. Foi uma experiência tão significativa e tão íntima que começaram por não dizer nada a ninguém. Não podiam traduzir nem podiam banalizar. A linguagem pedagógica mariana da Senhora mais brilhante do que o sol facilitou a posterior partilha com todos, pois estava adaptada à faixa etária e à idiossincrasia dos Pastorinhos. Os Pastorinhos foram fiéis à promessa de não contar tudo, pois nem tudo é contável, nem tudo é narrável. É o processo normal da vida, em que a realidade continua a ser sempre maior do que as palavras, como ensina a própria Sagrada Escritura, cujo fundo fomecerá um lastro bíblico à linguagem das aparições de Fátima. Por isso, como escreveu Vítor Hugo (1802-1885) nos *Miseráveis*: «ninguém guarda melhor um segredo do que uma criança». Mas o que é que guardaram? Durante quanto tempo? Até quando? Em que consiste? Tudo depende do que se entende por *segredo*.

## 1. O Segredo e os segredos nas Aparições

Para lá da história da receção da Mensagem de Fátima, na qual muitas vezes o Segredo foi reduzido ao nível do *segreto*, importa auscultar as fontes desta Mensagem nos relatos das Aparições, para aí haurir a trama e o sentido do que é chamado *segredo*, segredo esse que nas suas partes está hoje totalmente revelado após a decisão de João Paulo II no ano 2000.

Os Pastorinhos começam por fazer uma experiência de Transcendência, e isso cala fundo nos seus corações. Pouco a pouco vão meditando nessa mensagem, cujo carácter desconhecido e novo é para eles motivo de reflexão. Por isso, vão chamar a essa experiência o seu Segredo. Aos poucos vão tentando desvendá-lo, até se darem conta de que estão diante do mistério de Deus transmitido na mensagem do Coração Imaculado de Maria. Ainda que não totalmente conhecido, também não é totalmente desconhecido. Seguem aqui a grande experiência da apocalíptica bíblica em que a mensagem tem de ir sendo paulatinamente descodificada, meditada, para ser compreendida. A apocalíptica é precisamente isso, esse desvelamento, esse tirar o véu ainda que não totalmente. No fundo, a categoria teológica de “revelação” traduz apenas parcialmente a apocalíptica traduzida biblicamente com os verbos *galah* (abrir) e *apokalyptô* (desvendar). Se a apocalíptica visa sobretudo o momento do desvelar, do tirar o véu, a revelação olha sobretudo para o carácter apofático dessa *mostração*, para o momento em que o véu volta sempre a ser colocado, em que o mistério continua a ficar velado, por isso re-velado, o mesmo é dizer, não totalmente aberto.

Essa experiência tão dos Pastorinhos vai abrindo-os ao mistério do amor de Deus, que na revelação da visão de Tuy fica sintetizada na aclamação final «graça e misericórdia»<sup>1</sup>. Em Fátima, Deus abre o Seu coração no Coração de Jesus e no Coração Imaculado de Maria, os quais «têm sobre vós desígnios de misericórdia»<sup>2</sup>. É assim que nas Aparições de Pontevedra, em 10 de dezembro de 1925, e de Tuy, em 13 de junho de 1929 (ambas pertencentes ao chamado “ciclo cordimariano”), Lúcia (cujo processo de beatificação está a decorrer, ainda na fase instrutória diocesana) descreve o Coração cercado de espinhos como símbolo da graça e da misericórdia. Esse é o segredo de Deus, é o ser trinitário de Deus, é a intimidade de Deus – esse amor maior que por ser maior é inesgotável. Precisamente, não se esgota. Por não se esgotar, deixa sempre os Pastorinhos na pista do excesso, na busca incessante da consolação e da

1 LÚCIA DE JESUS – *Memória I*. In IDEM – *Memórias I*, 13.<sup>a</sup> ed. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2007, p. 197.194.

2 *Ibidem*, p. 156.

reparação desse amor maior. Este é o núcleo da Mensagem de Fátima, ainda que venha revestido na simbólica apocalíptica da linguagem catequética e religiosa da época das Aparições. Maria segredou aos ouvidos e aos olhos de Lúcia, aos olhos de Francisco e Jacinta, o mistério do amor Imaculado de Deus. Lúcia vê e ouve o “céu” diversamente de Francisco, que o via mas não ouvia<sup>3</sup>. Por outro lado, nem todos à volta estavam preparados para ouvir uma mensagem assim. Tal como Deus na Escritura, foi preciso tempo e pedagogia quer por parte da Senhora quer por parte dos Pastorinhos para irem transmitindo gradualmente o cerne desse amor maior nas suas variadas facetas.

Além dos interrogatórios aos Pastorinhos, anos mais tarde, a Irmã Lúcia deixou-nos por escrito as suas Memórias e já as primeiras interpretações dos acontecimentos, cujo alcance ainda não era totalmente nítido com o decorrer da história, como aliás é próprio da profecia. Assim, na primeira Memória (redigida em 1935) continua a mostrar o enorme respeito pelo que tinha prometido a Jacinta, porque o Segredo, por um lado, por não ser totalmente conhecido e por superar os próprios Pastorinhos, não pode ser banalizado; por outro lado, também não pode ser totalmente escondido. Há que, de algum modo, partilhá-lo para que outros aproveitem desse amor maior:

«Antes de começar a contar-vos, Ex.mo e Rev.mo Senhor, o que me lembro do novo período da vida da Jacinta, tenho que dizer que há algumas coisas, nas manifestações de Nossa Senhora, que nós tínhamos combinado nunca dizer a ninguém e talvez agora me veja obrigada a dizer alguma coisa disso, para dizer onde a Jacinta foi beber tanto amor a Jesus, ao sofrimento e aos pecadores...»<sup>4</sup>.

Na segunda Memória (redigida em 1937), Lúcia recorda a dificuldade em guardar segredo, visto que, após a aparição do vulto já em 1915, «tomei o partido de calar, mas as minhas companheiras, assim que chegaram a casa, contaram o sucedido às famílias»<sup>5</sup>. Depois da primeira Aparição do Anjo em 1916, «várias pessoas começaram por fazer troça»<sup>6</sup>. Apesar disso, na vez seguinte, Lúcia preocupou-se com o que tinha sucedido de tal forma que: «Recomendei logo que era preciso guardar segredo e, desta vez, graças a Deus, fizeram-me

3 Cf. *Documentação Crítica de Fátima, I: Interrogatórios aos Videntes (1917)*. Fátima: Edições Santuário de Fátima, 1992, p. 91; *Documentação Crítica de Fátima, II: Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*. Fátima: Edições Santuário de Fátima, 1999, p. 127.

4 LÚCIA DE JESUS – *Memória I*. In IDEM – *Memórias. I...*, p. 44.

5 LÚCIA DE JESUS – *Memória II*. In IDEM – *Memórias. I...*, p. 75.

6 *Ibidem*, p. 76.

a vontade»<sup>7</sup>. Se é segredo, obriga a calar. Por isso, na primeira Memória, Lúcia conta que o Vigário do Olival, Pe. Faustino José Jacinto Ferreira, mostrou um enorme respeito pelo que ouvira e por quem tinha diante, ao ponto de aconselhar com grande pedagogia que:

«Fazeis bem, meus filhinhos, em guardar para Deus e para vós o segredo das vossas almas; quando vos fizerem essa pergunta, respondei: Sim, disse; mas é segredo. Se vos fizerem mais perguntas a respeito disto, pensai no segredo que vos comunicou essa Senhora e dizei: Nossa Senhora disse-nos que não disséssemos a ninguém, por isso não o dizemos. Assim guardais o vosso segredo ao abrigo do da Santíssima Virgem»<sup>8</sup>.

Nessa primeira Memória, Lúcia recorda também como Jacinta gostava de pensar em Nosso Senhor, e que numa dessas vezes sussurrou muito baixinho para si: «... (algumas coisas do Segredo)»<sup>9</sup>. Quando se despedem, Jacinta insta Lúcia a que nunca conte o Segredo, mesmo que isso lhe custe a vida: «não digas nunca o segredo a ninguém, ainda que te matem»<sup>10</sup>. Ao despedir-se de Fátima na sua infância, Lúcia regista que partiu «levando inviolável o meu segredo»<sup>11</sup>. Cumpriu assim o que tinha prometido, pois ainda não tinha chegado o tempo oportuno, a "hora" adequada (cf. Jo 2,4) para o manifestar.

A primeira e a segunda partes do chamado "Segredo" da Mensagem de Fátima dizem respeito à visão do inferno<sup>12</sup>, à devoção ao Imaculado Coração de Maria, à segunda guerra mundial, ao anúncio dos males que a Rússia provocaria devido ao abandono da fé cristã e ao totalitarismo comunista, o qual causaria perseguições à Igreja e se espalharia como um cancro por toda a humanidade. A exposição destas chamadas primeiras duas partes do dito "Segredo" encontra-se com os comentários e evocações no texto escrito pela Irmã Lúcia na terceira Memória, de 31 de agosto de 1941. Nessa terceira Memória, a Irmã Lúcia começa por perguntar-se: «o que é o segredo?»<sup>13</sup>. De seguida, prossegue a descrição das duas primeiras partes dessa visão íntima:

7 *Ibidem*, p. 78.

8 LÚCIA DE JESUS – *Memória I*. In IDEM – *Memórias. I...*, p. 35.

9 *Ibidem*, p. 61.

10 *Ibidem*, p. 63.

11 LÚCIA DE JESUS – *Memória II*. In IDEM – *Memórias. I...*, p. 115.

12 Cf. LÚCIA DE JESUS – *Memória III*. In IDEM – *Memórias. I...*, p. 121.

13 *Ibidem*, p. 120.

«Bem o segredo consta de três coisas distintas, duas das quais vou revelar. A primeira foi pois a vista do inferno! Nossa Senhora mostrou-nos um grande mar de fôgo que parecia estar debaixo da terra. Mergulhados em êsse fôgo os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras, ou bronzizadas com forma humana, que flutuavam no incêndio levadas pelas chamas que d'elas mesmas saiam, juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhante ao cair das faulhas em os grandes incêndios sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dôr e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor. Os demónios distinguam-se por formas horríveis e ascrosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes e negros. Esta vista foi um momento, e graças à nossa bôa Mãe do Céu; que antes nos tinha prevenido com a promessa de nos levar para o Céu (na primeira aparição) se assim não fosse, creio que teríamos morrido de susto e pavor. Em seguida, levantámos os olhos para Nossa Senhora que nos disse com bondade e tristeza:

– Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores, para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a meu Imaculado Coração. Se fizerem o que eu disser salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar, mas se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra peor. Quando virdes uma noite, alumuada por uma luz desconhecida, sabeis que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre. Para a impedir virei pedir a consagração da Rússia a meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz, se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja, os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas, por fim o meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia, que se converterá, e será conedido ao mundo algum tempo de paz»<sup>14</sup>.

A terceira parte do “Segredo” (revelada publicamente apenas no ano 2000) foi escrita «por ordem de Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria e da [...] Santíssima Mãe», no dia 3 de janeiro de 1944. Mais uma vez, a Irmã Lúcia faz notar que só o faz por ordem superior e para que esse segredo seja partilhado por todos e para todos. Por ser segredo, por ser uma linguagem simbólica, ainda não conhece totalmente o sentido último do mesmo. Todavia, por fidelidade à Igreja, partilha-o, como é normal de quem não é gnóstico nem

14 *Ibidem*, p. 121.

senhor do que não é seu. Mas continua a meditá-lo, porque a linguagem simbólica da apocalíptica a tal obriga<sup>15</sup>. Impõe a necessidade de decifração. A profecia exige tempo, demanda reflexão, impõe uma descodificação. A própria linguagem apocalíptica da terceira parte do Segredo cala fundo no coração dos Pastorinhos. Surpreende-os de tal maneira que o melhor é calar. Essa visão cala fundo nos seus corações até pela sua perplexidade e tom. É preciso tempo para ir saboreando o conteúdo dessa visão. A própria Igreja no seu Magistério necessitou de tempo para o ir descodificando, para o ler, para o interpretar, tendo sempre bem presente a consciência de que a revelação de Deus não é um conteúdo abstrato mas visa a história, incide sobre os acontecimentos da história do mundo, tal como este. Nesta terceira parte, a Irmã Lúcia abre mais uma ponta do véu mostrando a reatualização da profecia bíblica no relato desta visão com linguagem apocalíptica:

«A terceira parte do segredo revelado a 13 de Julho de 1917 na Cova da Iria-Fátima. Escrevo em acto de obediência a Vós Deus meu, que mo mandais por meio de sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria e da Vossa e minha Santíssima Mãe. Depois das duas partes que já expus, vimos ao lado esquerdo de Nossa Senhora um pouco mais alto um Anjo com uma espada de fogo em a mão esquerda; ao centilar, despedia chamas que parecia iam encender o mundo; mas apagavam-se com o contacto do brilho que da mão direita expedia Nossa Senhora ao seu encontro: O Anjo apontando com a mão direita para a terra, com voz forte disse: 'Penitência, Penitência, Penitência!' E vimos n'uma luz emensa que é Deus: 'algo semelhante a como se vêem as pessoas n'um espelho quando lhe passam por diante um Bispo vestido de Branco 'tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre'. Varios outros Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas subir uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma grande Cruz de troncos toscos como se fôra de sobreiro com a casca; o Santo Padre, antes de chegar aí, atravessou uma grande cidade meia em ruínas, e meio trémulo com andar vacilante, acobrunhado de dôr e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho; chegado ao cimo do monte, prostrado de juelhos aos pés da grande Cruz foi morto por um grupo de soldados que lhe dispararam varios tiros e setas, e assim mesmo foram morrendo uns trás outros os Bispos Sacerdotes, religiosos e religiosas e varias pessoas seculares, cavalheiros e senhoras de varias classes e posições. Sob os dois braços da Cruz estavam

15 Veja-se o nosso trabalho: CARVALHO, José Carlos – Aproximações e distanciamentos do Terceiro Segredo de Fátima à simbologia babilónica do Apocalipse. *Didaskália*, 30: 2 (2000) 59-82.

dois Anjos cada um com um regador de cristal em a mão, n'êles recolham o sangue dos Martires e com êle regavam as almas que se aproximavam de Deus»<sup>16</sup>.

A transmissão desta mensagem, deste chamado *segredo*, não aconteceu à maneira gnóstica ou espiritualista, mas resultou de uma consulta nos interrogatórios e do assentimento ao pedido superior do Magistério da Igreja. Mais uma vez nota-se que o processo foi muito bíblico, pois a própria Escritura faz o segredo equivaler ao conselho ou ao mistério na maior parte dos casos.

## 2. O segredo de Deus no mundo da Escritura

Se excetuarmos a categoria de *mystérion* (que o Novo Testamento importou da tradição judaica da diáspora dos Setenta), e que por vezes surge como a tradução do hebraico *sôd*, o vocabulário massorético sobre o segredo não é muito frequente. Nota-se até uma curiosidade no Antigo Testamento a respeito desta terminologia: a palavra *sôd* aparece sempre no singular, nunca no plural. Além disso, está praticamente ausente do Pentateuco, dos livros históricos, da literatura deuteronomista (onde é substituído por *séter*) e da literatura apocalíptica (onde é substituído pelo aramaico tardio *raz/razah*), para além do facto de surgir muitas vezes como equivalente do conselho. Devido à fluidez da semântica, o termo vetero-testamentário *sôd* foi e é traduzido frequentemente não por "segredo" mas por "conselho"<sup>17</sup>, "confidencialidade", "confidencial"<sup>18</sup> ou "mistério"<sup>19</sup> (também nos Setenta). Este sema *sôd* tem raízes nas línguas semíticas antigas e já aí *sôd* (mesmo aparecendo sempre no singular) evoca a não solidão. Por isso, *sôd* implica um segredo pessoal que é um segredo conjunto como é aquele do "conselho". O mistério, o sigilo pressupõe sempre uma relação interpessoal. Daí que *sôd* exija uma empatia, alguma comunhão ou afinidade para entrar nesse sigilo, na intimidade do conselho ou do grupo, no ideal de uma comunidade interpessoal. No siríaco *sôd* é traduzido por *swada* e *suwwada*, no árabe por *sawad* (conversa confidencial, secreta, íntima, exclusiva). Toda esta terminologia entronca na raiz ugarítica *sd* e deixa ressoar ecos

16 LÚCIA DE JESUS – *Terceira parte do segredo*. In IDEM – *Memórias*. I..., p. 213.

17 Cf. CLINES, David J. A., ed. – *The Dictionary of Classical Hebrew*. Sheffield: Academic Press, 2007, vol. VI, p. 125-127.

18 Cf. *sôd*. In KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter, ed. – *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Brill, 1995, vol. II, p. 745.

19 Cf. SCEBO, M. – *sôd*, *THAT* II, 1976, p. 144.

do árabe meridional antigo *mswd* (no sentido de adivinhar, construir o *puzzle*, descodificar o labirinto)<sup>20</sup>.

É no mínimo surpreendente que seja uma categoria ausente na literatura apocalíptica hebraica mais tardia, porque, apesar disso, o seu uso em Qumran é frequente<sup>21</sup>. Surge logo na regra da comunidade em IQS 4,6 que constrói a sociedade dos essénios sobre o sussurro do sigilo misterioso do espírito: «estes são os conselhos/segredos do espírito» (*‘êleh sôdey ruah*). É necessário que a comunidade ouça, escute os segredos do espírito, o sopro do espírito que fica sempre mais além do ouvinte e que, por isso, continua a ser um segredo não totalmente disponível. Mais à frente, em IQS 6,19, é indicado à própria comunidade que esse exercício de busca não pode prescindir do auxílio do grupo, nem passar sem «a/o companhia/conselho da comunidade» (*sôd hayyâhad*). Aqui vem ao de cima o carácter extremamente sectário do grupo dos essénios do Mar Morto. Essa comunidade é em si mesma um sigilo, um segredo que sussurra aos respetivos membros o destino que só é conhecido por aqueles que dela fazem parte, ao ponto de poder dizer aos seus membros, em IQS 2,25, que eles são «filhos do conselho/segredo da comunidade» (*beney sôd*). Na primeira gruta de Khirbet Qumran, a verdade é apresentada como um trabalho de busca sapiencial em IQH 9,27: «para ti [existe] o conselho/segredo da verdade» (*lekah ... sôd ha'émet*). A verdade é segredável, é aconselhável, e o Deus de Israel – o mesmo Deus da comunidade de Qumran – é essa verdade, é a busca do que Ele é, tal como exortam os cânticos do sábado encontrados em Massada (cf. MassShirShabb 2,25: «todos os seus segredos/conselhos» (*kôl sôdey[hem]*). Na literatura profética bíblica, o *sôd* é muitas vezes quer o “segredo” do Senhor, quer o “conselho” do Senhor, quer ainda o “conselho” da comunidade de Israel. Assim, Jeremias pergunta-se em Jer 23,18 antes do exílio em jeito de lamento (como lhe é peculiar) do porquê do esquecimento de Javé: «Porque quem esteve no conselho/segredo (*sôd*) do Senhor, viu e ouviu a sua palavra? Quem esteve atento à sua palavra e a ela atendeu?» Mas o *sôd* pode até ser a *conspiração*, o plano contrário e contra Deus; pode ser o resultado de um “conselho” reunido contra o Deus de Israel. Assim se lamenta o salmista no Sl 2,2, cuja versão grega dos Setenta deixa mais nítida esta semântica da “conspiração” e do “conluio” com o aoristo do verbo composto *synérchomai* (ir em conjunto, reunir-se): «os seus reis revoltam-se e os governantes (*rôzenîm*) fazem alianças (*nosedû/sunêchtêsan* LXX) contra o Senhor e contra o rei que ele escolheu». Aliaram-se em segredo e

20 Cf. BROWN, Francis; DRIVER, Samuel R.; BRIGGS, Charles A. – *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1906, p. 691a.

21 Cf. CLINES, David J. A., ed. – *The Dictionary of Classical Hebrew*, vol. VI, p. 126.

segredaram uma trama só para si contra o Deus de Israel. No mesmo sentido lamenta-se o Sl 83:3 de modo explícito nos Setenta com o *apax-legómenon* do verbo "irar-se contra" (*katapanougeúō*): «contra o teu povo armam uma *trama* (*sôd/katepanourgeúsanto* LXX) e conspiram contra os teus santos». Mas o profeta Jeremias não quer fazer parte desse falso *conselho*, não quer segredar nada contra o seu e nosso Deus. E continua a lamentar-se por estar isolado, parecendo-lhe que o seu segredo não é compreendido. Apesar de tudo, contra tudo e contra todos, confia no seu Deus, mesmo sozinho: «Nunca me sentei na assembleia (*besôd/synédriōn* LXX) dos que riem, nem me regozijei; oprimido pela tua mão, sentei-me sozinho, pois já estou de posse das tuas ameaças» (Jer 15,17).

Tal como para o profeta, para o salmista, para o sábio cantor o *sôd* do Senhor é um motivo de alegria e de júbilo. O tradutor judeu dos Setenta equipara o *sôd* do salmista a um plano, a um projeto: «Deus é sobremodo tremendo na assembleia (*sôd/boulê* LXX) dos santos e temível sobre todos os que o rodeiam» (Sl 89,8). Para o sábio mais tardio que é Job, esse *sôd* é uma episcopalidade, uma vigilância, uma supervisão do tempo em que ele vivia bem e feliz com a sua família e os seus bens: «como fui nos dias do meu vigor, quando a *besôd* (*episkopên* LXX) de Deus estava sobre a minha tenda» (Job 29,4). O hino aleluiático do quinto livro do saltério louva o Deus de Israel, não sozinho mas ao lado dos seus irmãos e irmãs na fé, numa irmandade que é um *sôd*, uma companhia cuja riqueza só ele conhece: «Aleluia! De todo o coração renderei graças ao Senhor, na/o companhia/conselho (*besôd*) dos justos e na assembleia (*'édah*)» (Sl 111,1). É esta companhia que Jeremias desejava que fosse o timbre, o hábito do seu próprio povo, mas que não é. Deste modo, o profeta das lamentações lamenta-se em Jer 23:22: «mas, se tivessem estado no meu conselho (*besôdy/upostásei* LXX), então, teriam feito ouvir as minhas palavras ao meu povo e o teriam feito voltar do seu mau caminho e da maldade das suas ações». Ouvir as suas palavras, escutar o seu segredo, dar ouvidos à sua profecia teria sido salutar para o povo e um início de conversão. Estar no *sôd* implica uma *hipóstase*, como denunciam os Setenta. Participar desta intimidade pressupõe uma união hipostática. Por isso, não é nunca possível abeirar-se do ser de Deus de maneira positivista ou curiosista. O segredo de Deus não é objetivável, redutível a uma coisa que o sujeito possa dominar e conhecer totalmente como um objeto e totalmente independente dele. Aliás, isso mesmo o mostra a *mostração de Deus*, a que geralmente chamamos *revelação*. O amor de Deus segreda a sua intimidade, como acontece normalmente na mostração do amor humano que segreda a sua intimidade. O amor humano como o amor de Deus dá-se a conhecer, segreda-se, não se vende nem se banaliza, não se coisifica. O amor maior de Deus é pensável

por analogia com o amor humano. Esta analogia permitiu dizer de maneira totalmente diferente a categoria clássica teológica de revelação (cf. DV 2). É a apresentação de Alguém para ser mais amado. Isto não é mensurável nem passível de voyeurismo, pois o que está em causa é uma relação interpessoal como é próprio do processo da fé cristã.

O difícil texto de Sl 25:14 apresenta um raro equivalente em grego, porque na versão dos Setenta *sôd* adquire um outro sentido com *krataiôma* (força): «A intimidade/força (*sôd/krataiôma* LXX) do Senhor é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança». Por seu turno, a literatura sapiencial e proverbial exorta a ouvir o bom conselho (o *sôd*). Esta literatura apresenta um sentido concreto (de participação na assembleia), e outro mais abstrato, em que *sôd* corresponde mais ao plano, ao arquitetar, ao projeto<sup>22</sup>. Assim, em Prov 15:22, o sábio encoraja a *honrar os conselhos, os planos, os projetos*, porque «onde não há conselho/plano (*sôd/timôntes synédria* LXX) fracassam os projetos, mas com os muitos conselheiros há bom êxito». Por outro lado, o sábio também ensina a guardar segredo quando é necessário: «o mexeriqueiro descobre o/s segredo/planos (*sôd/boulás en sinedriô* LXX), mas o fiel de espírito o encobre» (Prov 11,13). Praticamente repete o mesmo em Prov 20:19: «o mexeriqueiro revela o segredo (*sôd*); portanto, não te metas com quem muito abre os lábios». Mais à frente, em Prov 25:9, convida a não violar o oitavo mandamento e a não entrar pela via da difamação: «Pleiteia a tua causa diretamente com o teu próximo e não descubras o segredo (*sôd*) de outrem».

Depois de elogiar a sabedoria, o sábio recorda que o Senhor faz dos justos o seu *sôd* em Prov 3:32: «porque o Senhor abomina o perverso, mas os retos (*yesharîm*) são o seu *sôdô*». Para fazer parte do “conselho” do Senhor, da sua intimidade, é necessária correção moral; não impecabilidade, mas correção moral (*dikaiosûnê*: cf. Hab 2,4; Rom 4,3). Esta é no fundo a mediação sacerdotal, que, à imagem do sacrificador no Antigo Testamento, não separa o sagrado do profano mas separa o sagrado do pagão, pois o sacerdote continua na profanidade, não deixa de estar no mundo, continua imerso no profano. Por isso é que Aarão tem de oferecer sacrifícios por si e por toda a sua família (cf. Lev 16). Para poder ir no dia do Yom Kippur ao santuário dos santuários e aspergir a Arca da Aliança (lugar da presença maior do Senhor em Israel, lugar por isso do seu segredo), para poder participar nesse segredo, nessa intimidade, é necessária alguma pureza/correção moral, é imprescindível algum terreno onde se alicerce a mediação sacerdotal. Isto faz do segredo de Deus uma intimidade acessível a todos, não exclusiva para alguns, mesmo no

22 Cf. SÆBO, Magne – *sôd*. In BOTTERWECK, Johannes; RINGREN, Helmer, ed. – *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*. München: Kaiser, 1976, vol. II, p. 146.

ritual sacrificial em Israel. Já no séc. VIII a.C. o pastor de Téqua', em Am 3:7, pensa o *sôd* do Senhor, o ser de Deus como uma educação, uma paideia, uma disciplina, um processo de conhecimento gradual, uma aproximação: «certamente, o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar (*galah/apokalypsê* LXX) o seu segredo (*sôdô/paideian* LXX) aos seus servos, os profetas». O ser de Deus, o segredo de Deus passa por um processo de abertura (*galah*), de *desvelamento* (*apokalypsê*), de *mostração*. Quem primeiro dele participa são os profetas.

O período macabaico viu florescer em Israel a literatura apocalíptica. O texto canônico registou já em aramaico o substituto do *sôd* com a categoria do *raz/razah* (como o farão os hinos da comunidade de Qumran: cf. 1QH 19,9), que os Setenta leram como mistério, passando esse sentido ao Novo Testamento. O profeta dos leões, em Dan 2,30, sabe que este *raz* tem de ser decodificado, submetido a um *midrash peshet*, a uma interpretação: «E a mim me foi revelado este *raza'* (*mistério* LXX), não porque haja em mim mais sabedoria do que em todos os vivos, mas para que a interpretação (*pishra'*) se fizesse saber ao rei, e para que entendesses as cogitações da tua mente». Antes, em 2,17, Daniel dirigira-se aos seus amigos Hananias, Misael e Azarias "para que pedissem misericórdia (*rahamîn*) ao Deus do céu sobre este *mistério* (*mysterion* LXX/*razah*), a fim de que Daniel e seus companheiros não perecessem com o resto dos sábios da Babilônia. Então, foi revelado o mistério (LXX/*razah*) a Daniel numa visão de noite; Daniel bendisse o Deus do céu" (Dan 2,18-19). O profeta avisa o rei de que nem todos são capazes de conhecer ou de traduzir os segredos de Deus, só aqueles que possuem *entendimento* (*bînah*): «Respondeu Daniel na presença do rei e disse: 'O *mistério* (*mysterion* LXX, *razah*) que o rei exige, nem encantadores, nem magos nem astrólogos o podem revelar ao rei'» (Dan 2:27). Daniel apresenta ao rei Nabucadnezar a novidade do Deus de Israel: Javé é Alguém que revela na história o Seu ser, o Seu segredo e o sentido da história. Disto não há qualquer rasto nas outras divindades dos quatro reinos que se levantam em Dan 2,39. Então Daniel prossegue mostrando ao rei o Senhor da história, em Dan 2:28-29: «<sup>28</sup> mas há um Deus no céu, o qual revela os mistérios (*razyn, mystéria* LXX), pois fez saber ao rei Nabucodonosor (*Nebucadnezar*) o que há de ser nos últimos dias. O teu sonho e as visões da tua cabeça, quando estavas no teu leito, são estas: <sup>29</sup> Estando tu, ó rei, no teu leito, surgiram-te pensamentos a respeito do que há de ser depois disto. Aquele, pois, que revela mistérios (*razayîa'*) te revelou o que há de ser».

Depois de dar a interpretação do sonho ao rei Nabucadnezar, o rei, em Dan 2:47, afirma que reconhece o poder do Deus de Israel através da capacidade que Daniel tem de interpretar esse segredo: «Disse o rei a Daniel: 'certamente, o vosso Deus é o Deus dos deuses e o Senhor dos reis, e o revelador

de mistérios (*razyn, mystéria LXX*), pois pudestes revelar este mistério (*razah, mystêrion LXX*)'. Por isso, elogia o profeta, em Dan 4:9: «Beltessazar, chefe dos magos, eu sei que há em ti o espírito dos deuses santos e nenhum mistério (*raz*) te é difícil; eis as visões do sonho que eu tive; diz-me a sua interpretação (*pyshrêh, synkrisin LXX*)». Para aceder ao sentido deste sonho, são necessárias *comparações* (*synkrisin*), por onde passa o trabalho de hermenêutica do mistério, por onde passa a tarefa de decifração do segredo da história da salvação.

Mas esta não é a única terminologia do segredo no Antigo Testamento. A semântica do “escondimento” ocupa um lugar alternativo para esboçar mais nitidamente a semântica do sigilo e do não totalmente conhecido. É sobretudo importante o termo *sêter* e o mais raro *ta'alumôth* (significando este último *o recôndito que vem ao de cima*). No Sl 44,21, o salmista recorda como Deus haure a nossa intimidade mais recôndita, mais íntima, até mais secreta, mais críptica, mais escondida: «porventura não o teria atinado Deus, Ele que conhece os segredos (*kryphia LXX, ta'alumôth*) dos corações?». Esse último recôndito equivale, para Job 11:6, à *dinâmica* que anima, que faz andar o sábio e o pecador que peca mas que não quer pecar e que, apesar disso, é perdoado por Deus, o único que conhece as verdadeiras motivações do coração: «e te revelasse os segredos (*dúnamin LXX, ta'alumôth*) da sabedoria, da verdadeira sabedoria, que é multiforme! Sabe, portanto, que Deus permite que seja esquecida parte da tua iniquidade».

A outra semântica alternativa para o escondimento é a do verbo *satar* que deu origem ao substantivo *sêter*. Assim, em Dt 13:7, o deuteronomista alerta para a ambiguidade do segredo bem como para o lugar do que é secreto como propósito iníquo, pois o mal normalmente é feito às escondidas, em segredo, em *sêter*, quando parte da ambiguidade humana e não de Deus: «Se o teu irmão, filho de tua mãe, ou o teu filho ou a tua filha, ou a mulher do teu amor, ou o teu amigo que amas como à tua alma te incitar em segredo (*sêter, lathrá LXX*), dizendo: Vamos e sirvamos a outros deuses, que não conhecestes, nem tu, nem teus pais...». O deuteronomista não tem ilusões quanto às capacidades do coração humano para maquirar o mal, pois sabe que a malvadez humana encontra sempre tempos ou lugares secretos para que essas maquinações não se vejam. No entanto, ele sabe muito bem que de Deus ninguém se consegue esconder. Por isso, afirma, em Dt 29:29, pelo terceiro discurso de Moisés com um *niphal* da raiz acima referida que «as coisas encobertas/secretas/segredadas (*hannistarôth, krypta LXX*) pertencem ao Senhor nosso Deus, porém as reveladas pertencem-nos a nós e aos nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei». A teologia deuteronomista, ao iniciar a história dos Juizes, apresenta o Ehud como libertador do povo, que,

em Jz 3:19, fala a sós e em segredo com Eglon, rei de Moab: «Porém, voltou do ponto em que estavam as imagens de escultura ao pé de Guilgal e disse ao rei: 'Tenho uma palavra secreta (*sêter, kryphios* LXX) a dizer-te, ó rei'. O rei disse: 'Cala-te'. Então, todos os que lhe assistiam saíram de sua presença». Esta palavra em segredo resultou na morte de Eglon e na libertação do povo. A morte foi encriptada aos moabitas. O mesmo processo será usado anos mais tarde às portas do exílio antes do assassinio do governador Godolias, como o mostra Jer 40:15: «Todavia, Joanan filho de Careá disse a Godolias em segredo (*sêter, kruphaiôs* LXX) em Mispah: 'Irei agora e matarei a Ismael, filho de Netanias, sem que ninguém o saiba; por que razão tiraria ele a tua vida, de maneira que todo o Judá que se tem congregado a ti fosse disperso, e viesse a perecer o resto de Judá?'. A ambiguidade dos lugares desconhecidos e secretos é também denunciada pelo sábio em Prov 21:14: «O presente que se dá em segredo (*sêter, láthrois* LXX) abate a ira, e a dádiva em sigilo uma forte indignação». Com efeito, a corrupção e o suborno tanto podem apaziguar quando secretos como tumultuar quando descobertos.

No deuterо-Isaiás (cf. Is 45,15) o Senhor Deus apresenta-se como um Deus *que Se esconde, um Deus que Se faz segredo (El mistater)*, e não como o Deus *absconditus* da correspondente tradução latina da Vulgata. O Deus de Israel não está escondido, desconhecido, totalmente segredado. Antes Se apresenta em Is 45:19 como tendo falado publicamente de maneira histórica e visível para todos, de modo mostrativo: «Não falei em segredo (*sêter, kryphê* LXX) nem em lugar algum de trevas da terra; não disse à descendência de Jacó: Buscai-me em vão; Eu, o Senhor, falo a verdade e proclamo o que é direito». A mostração do Seu ser é verídica, não é ilusória nem críptica ou indescodificável. Por isso, prossegue na primeira pessoa em Is 48:16: «Chegai-vos a mim e ouvi isto: não falei em segredo (*sêter, kryphê* LXX) desde o princípio...». Na visão do exílio, Jeremias opta agora, em Jer 13,17, por esta terminologia do escondimento, desta vez sem o *sôd* (conselho, companhia) de ninguém: «Mas, se isto não ouvirdes, a minha alma chorará em segredo (*bemistarîm, kekrum-ménôs* LXX) por causa da vossa soberba; chorarão os meus olhos amargamente e se desfarão em lágrimas, porquanto o rebanho do Senhor foi levado cativo». Jeremias chora em *sêter*, em segredo, sozinho, numa dor que ninguém atinge e que só ele suporta. Essa é a sua cruz. Depois de lhe ser segredado o futuro do povo, depois de lhe ser antecipado o que pode acontecer se o povo não mudar de vida, não há consolo que o anime. Esse segredo tortura-o. A visão desse inferno que é o exílio faz com que Jeremias não se possa calar, não possa guardar para si esse segredo para assim dar a conhecer ao povo os desígnios e a bondade de Deus, que, por ser magnanimidade (*hésed*), não dispensa a nossa quota-parte nesse processo de construção da história em

comum com Ele. Isto só indica que Deus Se mostra para desafiar a nossa liberdade. A história não está fechada. Ao segredar-nos as consequências das nossas atitudes, avisa-nos. E como quem me avisa meu amigo é, então Deus é assim o nosso maior amigo porque nos avisa, como avisou Jeremias e a humanidade do século passado. Segredou a Jeremias, ainda que sob a forma de lamento, que a história não está fechada. Aliás, a profecia é precisamente essa abertura de uma janela de esperança e de futuro no meio das vicissitudes da história humana dilacerada sempre pelo pecado. A Mensagem de Fátima, como releitura profética da história e reatualização da profecia que é, segreda outra vez à própria história que ela não está fatalmente fechada nem vergada ao destino, mas aberta à esperança e envolvida no amor de Deus pelo mundo. A história está embalada pela "graça e misericórdia" de Deus pelo mundo, história onde Deus faz outra vez ouvir o seu segredo, o seu projeto, a sua graça, convidando suavemente a liberdade humana a percorrer o caminho dessa história de salvação<sup>23</sup>. Esta é também a releitura que o então cardeal Ratzinger fez aquando da apresentação da terceira parte do Segredo. Não se trata de um calculismo fatalista ou trágico-fáustico, mas de um desafio à liberdade humana.

Próximas destas semânticas veterotestamentárias do "segredo" surgem as raízes *satam* (sigilar, encerrar, segredar, esconder), *hatam* (calar, silenciar, selar), *batah* (aprofundar, mergulhar na profundidade). A primeira aplica a Dan 12:4 ao livro da vida dos que ressuscitarão para a recompensa eterna: «Tu, porém, Daniel, encerra (*setôm, kalypson* LXX) as palavras e sela (*hatôm, sphragísai* LXX) o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadrinharão e o saber se multiplicará». O segredo está inscrito no livro da vida, tem uma forma literária. Como lhe é segredado a seguir em Dan 12:9, *há que dar tempo ao tempo, é preciso entendimento para ler o livro do segredo da vida verdadeira* e há que esperar para que os acontecimentos da história se encarreguem de ir mostrando o sentido do segredo literário inscrito no livro da vida verdadeira: «Ele respondeu: 'Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas (*setumîm, katakekalumména* LXX) e seladas (*hatumîm, esphragisména* LXX) até ao tempo do fim'».

Na literatura deutero-canónica, o sábio ensina a guardar segredo sem empregar uma terminologia própria. Com alguns conselhos práticos, exorta em Sir 8,17 a manter a distância de alguém que não é capaz de guardar

23 Sobre o nosso papel no aprofundamento e na concretização desse segredo, veja-se o nosso trabalho: CARVALHO, José Carlos – A reparação como via da consolação a Deus. In *Envolvidos no amor de Deus pelo mundo. Itinerário temático do centenário das Aparições de Fátima 4.º ciclo Ano Pastoral 2013-2014*. Fátima: Edições Santuário de Fátima, 2013, p. 93-107.

segredo, pois alguém assim não é bom conselheiro: «não te aconselhes com um louco, pois não poderá guardar uma palavra». Chama-o mesmo, em Sir 13,12, um ímpio: «ímpiedoso é aquele que não guarda as palavras e que não se poupa nem nas maldades nem nas prisões». O sábio prefere a companhia de gente de poucas falas, de pessoas que pensem mais do que o que falam, pois o muito falar não significa que se disse muito – como já bem notou Martin Heidegger (1889-1976). Assim, considera ditoso todo aquele que «pondera os seus caminhos no seu coração e que se aplica aos seus segredos (*apokryphois*)» (Sir 14,21). Provavelmente, o exemplo mais conhecido no Antigo Testamento de alguém que falou demais, de alguém que não conseguiu guardar o seu segredo, foi o do kamikaze Sansão. Sansão desvelou o seu segredo, pôs a descoberto a sua força ao abrir o seu coração a Dalila em Jz 16:17-18:

«Descobriu-lhe todo o coração e disse-lhe: 'Nunca subiu navalha à minha cabeça, porque sou nazireu de Deus desde o ventre de minha mãe; se vier a ser rapado, ir-se-á de mim a minha força, enfraquecer-me-ei e serei como qualquer outro homem'.<sup>18</sup> Quando Dalila descobriu que ele lhe *abriria todo o seu coração*, mandou chamar os senhores da Palestina e disse: 'venham, pois desta vez contou tudo que ia no seu coração'. Então, os senhores da Palestina foram ter com ela e trouxeram o dinheiro nas suas mãos».

Para falar do segredo, o Novo Testamento oscila entre o *críptico* e o *mysterion* porque olha sobretudo para o excesso do que ainda há a conhecer e não para o que ainda não se conhece. Paulo chama a atenção para a capacidade que a própria comunidade celebrante tem de desvendar o que vai no coração humano. Neste processo têm um papel fundamental os carismas da profecia, ao contrário do carisma de interpretação das línguas, que Paulo considera até poder ser contraproducente no processo de provocar a abertura dos segredos de alguém não crente que chega à comunidade. Como ele insiste em 1 Cor 14:23-25:

«<sup>23</sup> Se, pois, toda a igreja se reunir no mesmo lugar e todos se puserem a falar em outras línguas, no caso de entrarem indoutos ou incrédulos, não dirão, porventura, que estais loucos? <sup>24</sup> Porém, se todos profetizarem e entrar algum incrédulo ou indouto, é ele por todos convencido e por todos julgado; <sup>25</sup> tomam-se-lhe manifestos os segredos (*krypta*) do coração, e, assim, pros-trando-se com a face em terra, adorará a Deus testemunhando que Deus está, de facto, no meio de vós».

A profecia, para Paulo, é a única capaz de abrir o cofre dos segredos mais íntimos do coração de alguém não crente. Mais tarde, ao escrever aos cristãos de Roma, Paulo ensina que o único capaz de conhecer verdadeiramente os segredos do coração humano é Deus, porque é um juiz imparcial. Tal deve-se ao facto de Deus julgar não pelo que vê (pois poderia ser uma linguagem religiosa hipócrita como a do filho mais novo de Lc 15-11-32 ou a do fariseu de Lc 18), mas precisamente por retribui aquilo que só Ele consegue ver – a circuncisão de coração, o segredo do coração. É isto que faz de Deus um juiz justo e imparcial, porque precisamente julga onde mais ninguém consegue ver – na circuncisão interior do coração. Por isso, Deus não julga pelos factos apresentados mas por aquilo que mais ninguém consegue ver. Assim, em Rom 2:15-16, Paulo mostra que Deus é um juiz imparcial que não faz aceção de pessoas precisamente porque é imparcial ao julgar no lugar decisivo que é o segredo das intenções mais recônditas do coração humano: «<sup>15</sup> Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se, <sup>16</sup> no dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos (*krypta*) dos homens de acordo com o meu evangelho». Deus então recompensa sempre proporcionalmente segundo os segredos de cada um e não segundo aquilo que cada um mostra, porque essa pode ser uma linguagem ambivalente ou até mesmo hipócrita. Deus não liga às aparências, avalia as intenções secretas do coração. Isto faz d'Ele o único e verdadeiro juiz que recompensará indefetivelmente aqueles gestos mais secretos da caridade que o mundo pode até nem ver, mas que Ele não deixa de ver, como ensina em Mt 6:4: «... que a tua esmola fique em secreto/segredo (*kruptô*) e teu Pai, que vê em secreto/segredo (*kruptô*), te recompensará».

Nos evangelhos o segredo é sobretudo o que está oculto à vulgaridade do olhar humano. Aqui estão perto de Paulo. Jesus alivia os discípulos face à hipocrisia dos fariseus, a qual no fundo é o seu secretismo, o seu segredo no pior sentido do termo. Em Mt 10:26, reconforta-os perante esse perigo farisaico que é a sua tentação sectária: «Portanto, não os temais, pois nada há encoberto (*kekaluménon*) que não venha a ser revelado, nem oculto (*kruptón*) que não venha a ser conhecido». Jesus ensina aos discípulos que a verdade, como o segredo de cada um, mais tarde ou mais cedo será conhecida, virá ao de cima, pois a mentira tem pernas curtas. A maldade secreta do coração humano não consegue ser *encriptada* para sempre. Para conhecer o segredo da riqueza do reino, é preciso empatia. Ora, nem todos estão preparados para conhecer assim um segredo, e os próprios discípulos viram-se incompreendidos pela riqueza do seu segredo que muitos já não compreendiam (porque também não queriam compreender), pois também muitos dos contemporâneos

de Jesus não entenderam a riqueza dos segredos do reino. Mas os discípulos tinham o privilégio de serem aproximados por Jesus desse segredo (cf. Mt 13,11: «respondeu-lhes dizendo: 'a vós é dado a conhecer os *mistérios* do reino dos céus, mas àqueles não lhes é dado'»; Mc 4,11: «dizia-lhes: 'a vós foi dado o *mistério* do reino de Deus, mas àqueles que estão fora tudo acontece em parábolas'»). Na verdade, é necessária uma descodificação, uma hermenêutica do segredo de Deus que é o segredo do reino.

O Segredo de Fátima é o mesmo reino agora segredado ao mundo contemporâneo, reatualizando assim a profecia. Isto faz do Segredo uma missão. Os Pastorinhos foram introduzidos ao segredo do reino e do sentido da história do amor envolvente de Deus pelo mundo. Lúcia demorou anos – tal como os discípulos – a perceber que não poderia guardar para si essa riqueza que é o segredo. Só o escreveu na totalidade anos mais tarde. O Segredo precisa de ser compreendido, e para tal precisa de tempo. Logo, precisa de história. Os discípulos também precisaram de ser introduzidos ao cerne dos mistérios do reino. Só depois é que esse segredo se torna uma missão, isto é, uma tarefa de partilha. Tem de ser partilhado para ser chave paradigmática da história. Jesus, o segredo do amor do Pai, foi entrando nessa relação abática, nesse segredo do amor do Pai. Na sua verdadeira humanidade cresceu, refletiu, amadureceu a imagem do Deus de Israel e a sua relação filial ao Pai. Foi maturando esse segredo a partir da família de Nazaré. Só anos mais tarde é que tornou público esse segredo, encarnando a mensagem do reino a partir do seu ministério iniciado na Galileia. Ainda que o segredo exija uma aproximação pessoal, tem de ser tornado público para se tornar comunitário, pois é maior do que o transmissor. Ao longo do seu ministério Jesus foi concretizando esse segredo, foi mostrando e vivendo os segredos do reino que são espelho da sua relação abática com o segredo do amor ao Pai. Esse segredo foi de tal maneira partilhado que Jesus pôde desmontar as acusações e incompreensões na paixão, em Jo 18:20, diante do sumo-sacerdote. «Declarou-lhe Jesus: 'Eu tenho falado francamente ao mundo, ensinei continuamente tanto nas sinagogas como no templo onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em oculto/segredo (*kruptó*)'». Só foi possível dizer isto aqui porque Jesus entrou no segredo do amor do Pai. A este segredo tentou Jesus introduzir os seus discípulos, os seus aprendizes.

Na subida para Jerusalém, Jesus impõe aos discípulos que não contem nada do que viram ou ouviram; impõe-lhes que guardem segredo *não diegetando nada* até se manifestar a ressurreição, até à ressurreição dos mortos (cf. Mc 9,9). É preciso tempo, é preciso história. Jesus pretende que o *seu segredo*, isto é, *a sua identidade* só seja revelada no tempo oportuno. Para já, antes de chegar a Jerusalém, é melhor que os discípulos não desvirtuem a imagem de Jesus como messias triunfal. Por isso, ordena-lhes que *não contem*

a ninguém que Ele é o Ungido, o Cristo, pois este é o seu segredo, a sua verdadeira identidade (cf. Mt 16,20; Mc 5,43; 7,36) que eles ainda desvirtuam, porque não tinham sido confrontados historicamente com a imagem do messias crucificado na visão do Gólgota. Mesmo depois da Páscoa, os discípulos vão precisar de tempo para digerir toda a mensagem de Jesus. Mesmo depois da morte de Jesus, em Jo 19,30, mesmo depois da entrega total do Filho, muitos continuam a não compreender o segredo de Jesus. O primeiro que surge nessas condições é José de Arimateia, em Jo 19,38, que «sendo *aprendiz (mathêtês)* de Jesus continuava escondido, secreto (*kekrumménos*) por medo dos judeus». É sintomático que o evangelista lhe aplique o participio perfeito passivo do verbo *kryptô* (esconder, sigilar, segredar), precisamente para indicar que estava escondido, secreto, e que essa situação continuaria a produzir efeitos no presente, como é próprio deste tempo verbal em grego. A tradição joanina do Apocalipse em vez deste tempo aplicou o solene aoristo gnómico do verbo *sphragídzô* (selar, sigilar, guardar) quando, à semelhança da visão de Fátima em que é pedido segredo aos Pastorinhos, o anjo pede ao segrel de Patmos, em Ap 10,4, no segundo septenário (o das trombetas) para ainda não escrever tudo: «Logo que falaram os sete trovões, eu ia escrever, mas ouvi uma voz do céu dizendo: 'Guarda em segredo/sigilo [*sphrágison*] as coisas que os sete trovões falaram e não as escrevas'».

### 3. Nas pistas bíblicas do Segredo

Biblicamente, o segredo ou os segredos espelham a experiência de um excesso que compõe uma experiência que poderemos chamar mística, a qual, pela sua mesma natureza, implica sempre algo de inenarrável. No que é contável subsiste uma enorme reserva, uma grandíssima prudência. Subsiste um pudor por esse excesso para que não seja narrado nem mais nem menos do que é devido. Biblicamente, a Sagrada Escritura também narra experiências que espelham o sentido mais comum do que se entende por segredo – o que não se pode contar –, mas não se fica por aqui. Biblicamente, a Sagrada Escritura segreda o amor de Deus a Israel na história. Esta é uma intervenção que tem de ser interpretada, lida. O segredo de Deus começa a ser dito na história bíblica a partir do êxodo do Egito. Depois de atravessarem as águas a pé enxuto, Moisés e o povo olham para trás e refletem, tentando responder a uma pergunta muito simples: qual é o segredo que está por detrás disto tudo? A resposta resultará no mais antigo refrão da expressão da fé de Israel e que vai ser distribuído ao longo do Antigo Testamento na fórmula libertadora «Eu sou o Deus que te fez sair da terra do Egito». Esta resposta servirá de

paradigma para interpretar a história subsequente (cf. Jz 10,11-12) A partir daí o segredo do amor salvador de Deus começa a ser historicamente detetável e convida a uma aliança, a uma comunhão. Israel vai precisar de tempo para ir amadurecendo a riqueza desse projeto de aliança. Quando Israel o relata, coloca por escrito uma tradição oral que enuncia o sentido fundamental da intervenção de Deus na história. É necessário acrescentar palavras aos acontecimentos para explicitar o sentido desses acontecimentos, pois um evento, um acontecimento, pode ser lido em sentidos até contraditórios. Na verdade, o êxodo foi uma libertação para Moisés e uma perda para os egípcios. Jesus, o próprio Jesus, é alguém enigmático para os discípulos: é o filho de David para o cego de Jericó (cf. Mc 10,49-52) e um blasfemo para os fariseus. Do mesmo modo, a Mensagem de Fátima foi acolhida pelos pobres mas também foi (e por vezes continua a ser – tal como o evangelho) ridicularizada por muitos e por muitas autoridades, sobretudo pelo poder político ou por alguma *inteligência dita cultural*.

O segredo bíblico exige o discernimento dos espíritos, exige uma meditação da fé, solicita um conselho (do Espírito e da comunidade). Assim funcionará e funciona a grande Tradição da Igreja. Foi o Espírito que suscitou na comunidade a confiança na releitura profética da Mensagem de Fátima, suportada sobretudo pelo testemunho e pela credibilidade dos Pastorinhos, que não vacilaram perante a tentação de contarem o Segredo, mesmo sabendo que isso lhes poderia custar a vida. Não podemos esquecer que estamos a falar de crianças.

Lúcia escutou o conselho de Maria, dos seus confessores, do Magistério da Igreja para partilhar essa experiência maior depois de deixar Fátima. Ela mesma ajudou os peregrinos a ler o segredo da mensagem de maneira canónica (no conjunto da Mensagem de Fátima e na continuidade da grande mensagem salvífica do cânone do evangelho). Leu-o como expressão do mistério da graça e da misericórdia de Deus, podendo este ser considerado o núcleo maior da Mensagem de Fátima. Perante este mistério, tal como no Israel bíblico, subsiste uma distância face à realidade conhecida, segredada. Israel também primeiro fala, transmite oralmente, e só depois é que escreve. Subsiste uma distância face à experiência vivida. Os Pastorinhos ficavam exaustos depois dessas experiências, apesar do gozo que lhes proporcionava. Trata-se de uma experiência absolutamente pessoal que não é nunca totalmente descritível, narrável. Esse segredo pessoal morreu para sempre com eles. O mesmo aconteceu com os relatores do texto bíblico. O que aconteceu com cada um deles ficará para sempre desconhecido para nós. Aliás, o modelo onírico ou visionário nem foi o mais comum. O que está em causa é uma experiência absolutamente pessoal, pelo que não é possível coisificar esta experiência. Os

hagiógrafos bíblicos escrevem o melhor que podem e que sabem uma experiência de um amor maior. Por isso, o segredo desta experiência pessoal não é equiparável a um enigma ou a qualquer futurologia. Esta experiência continua para nós recôndita<sup>24</sup> na sua intimidade. Só nos chegaram o testemunho e o relato da mesma. Santo Agostinho mostra-se bem consciente desta distância entre a pessoa e os factos, ao comentar o prólogo do evangelho de S. João:

«explicar o que ali se diz, no seu significado pleno, é algo que supera toda a capacidade humana. Não hesito em dizer, meus irmãos, que talvez nem o próprio João tenha sido capaz: falou como pode, porque era um homem que falava de Deus. Certamente inspirado, mas sempre homem. Graças à inspiração, algo pode dizer-se: se não tivesse sido inspirado, nada nos teria dito. Mas, embora fosse inspirado, não pode dizer-nos todo o mistério: disse o que um homem podia dizer»<sup>25</sup>.

Do mesmo modo, Lúcia transmitiu na linguagem da época, de acordo com a catequese que teve e inspirada pela sua fé, o mistério do amor gracioso e misericordioso de Deus, tal como lhe foi mostrado na simbologia apocalíptica da Mensagem de Fátima. Lúcia foi inspirada por Maria a transmitir o que lhe fora dado ver. Ela mesma reconhece que permanece uma distância entre o que escreve e o que viveu, como é normal na vida humana e como aconteceu na própria tessitura da narrativa bíblica. A realidade é sempre maior do que as palavras. Temos o testemunho epistolar da vidente, tal como bíblicamente temos o testemunho escrito da experiência pessoal de fé dos hagiógrafos. Se subsiste uma distância de Deus ao mundo, do Criador à criatura, também subsiste uma distância da graça de Deus às capacidades de apreensão da inteligência humana. Subsiste ainda uma distância da experiência pessoal à transmissão oral e escrita dessa experiência. E para nós subsiste ainda uma distância temporal aos acontecimentos. Só nos resta a leitura histórico-crítica dos relatos e dos acontecimentos, à semelhança do que acontece com a Sagrada Escritura. Aqui, a história acabou por dar crédito a uma e a outra.

O Segredo acaba então por poder ser considerado a experiência do amor maior de Deus, no fundo o seu mistério, o seu ser *ágape*, como o definiu posteriormente o Novo Testamento, já numa fase tardia do primeiro século (cf. 1 Jo 4,16). O Segredo da Mensagem de Fátima não é um enunciado de alquimia tão a gosto do esoterismo neopagão de muita da cultura gnóstica contemporânea.

24 Cf. BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima. A misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história*. Fátima: Edições Santuário de Fátima, 2013, p. 122.

25 AGOSTINHO DE HIPONA – *In Evangelium Ioannis*. 1, 1.

Trata-se da apresentação aparicionista mariana do mesmo amor, da mesma graça e da mesma misericórdia de Deus. O núcleo trinitário dos três ciclos das aparições de Fátima (o angélico, o mariano e o cordimariano) mostra-o de modo muito impressivo. Porque Deus é *ágape*, Ele envolve o mundo com o seu amor materno ou paterno e, como Pai e Mãe, não deixa de ficar triste, continua a ver o seu coração traído, cravado de espinhos. Esse é o amor agónico de Deus na Mensagem de Fátima, pois por detrás da própria palavra *ágape* está a raiz da "agonia". Deus porque ama agoniza, como tantas vezes testemunhou Jacinta. Deste modo, pode considerar-se que o Segredo da Mensagem de Fátima é o *sôd* do nosso Deus triunitário, o seu *raz*, o seu mistério, o seu ser agónico ou agápico. Deus em Fátima *aconselha, acompanha, segreda o que pretende e o que convida a construir*. Isto não é nenhum enigma. Antes, apenas é dito de modo suave, muito discreto, de modo tão discreto que até é transmitido a crianças, aquelas que estão mais aptas a entrar no reino dos céus (cf. Mc 10,14; Mt 18,3), nesse segredo do amor de Deus, afinal o seu sussurro. Deus sussurrou aos Pastorinhos quem é. Fê-lo de modo concreto na idiossincrasia daquelas crianças num período conturbado da história para reatualizar a profecia. Começou por fazê-lo de modo privado aos Pastorinhos, deixando a missão de partilhar esse núcleo fundamental do seu mistério de amor, isto é, deixando a tarefa de o dar a conhecer pública e universalmente.

## Conclusão

Para ler o chamado Segredo da Mensagem de Fátima, é necessária a empatia da fé. Fica-se sempre aquém da riqueza do respetivo conteúdo se se partir para o relato do segredo meramente com uma curiosidade salaia ou desinteressada. Isto mesmo aconteceu muitas vezes (e continua a suceder) ao longo da história da interpretação dos relatos bíblicos. Tal como para a Sagrada Escritura, e como adverte argutamente Eloy Bueno de la Fuente, é imprescindível uma leitura canónica do Segredo e uma leitura histórico-crítica dos relatos que insira o Segredo no conjunto, no todo da Mensagem de Fátima. Com efeito, a leitura histórica e pública surge como contraponto à tentação da leitura gnóstica ou espiritualista do núcleo mais secreto da Mensagem de Fátima, que se sintetiza na aclamação final da visão de Tuy: «graça e misericórdia»<sup>26</sup>.

Bíblicamente, poderão ser apontados vários paralelismos, quer ao nível do conteúdo, quer ao nível dos processos entre o segredo bíblico e o Segredo

26 Cf. BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima...*, p. 127.

da Mensagem de Fátima, dos quais importa só recuperar alguns. O segundo é uma releitura profética do primeiro na história do século XX. Por causa desse segredo, desse *raz*, os Pastorinhos também foram sujeitos a interrogatórios (como aconteceu com Jesus e Paulo), viram as autoridades segredarem conluios contra eles e conspirarem contra eles. Os Pastorinhos também se lamentam com a sorte dos pobres pecadores, como Jer 23,22. Francisco gostava de estar no "gozo", no *sôd* daquela Luz imensa. O Imaculado Coração de Maria torna-se *conselheiro para os Pastorinhos*, sobretudo para Lúcia e para Jacinta. Gostam e querem viver nesse *sôd* para degustarem de maneira orante e contemplativa esse *raz* do Coração Imaculado de Maria. Querem, por isso, dar graças por esse *sôd* como o salmista (cf. Sl 111,1). Querem seguir os ensinamentos do sábio e fazer parte dos puros de coração, pois esses são o *sôd* do Senhor e assim agradam a Deus e a Nossa Senhora (cf. Prov 3,2). Só assim poderão ser servos de Maria para poderem ser mais servos do Senhor, pois só a esses é que o Senhor revela o seu *sôd* (cf. Am 3,7).

Lúcia comentou o Segredo nas suas Memórias à maneira daniélica, interpretando-o para a comunidade eclesial. Leu aí o mistério de Deus na linguagem apocalíptica da Mensagem – apocalíptica quer quanto à simbólica, quer quanto à incidência como teologia política. Nessa leitura descobriu o Deus de Is 45,15, o Deus do *sêter* no tempo e no modo *hithpalel*, um Deus que Se faz segredo e segredável, que Se dá a conhecer e que continua por conhecer totalmente. Esta é a dinâmica do Deus cristão, um Deus cuja relação se constrói sempre no duplo suporte da ausência e da presença. Esse é o segredo da fé cristã, que continua à espera da consumação final, da plenitude do amor de Deus, na expectativa da graça e da misericórdia inesgotável de Deus.

## Bibliografia

- AGOSTINHO DE HIPONA – *In Evangelium Ioannis*, PL 35, 1379-1970.
- BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima. A misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história*. Fátima: Edições Santuário de Fátima, 2013.
- CARVALHO, José Carlos – A reparação como via da consolação a Deus. In *Envolvidos no amor de Deus pelo mundo. Itinerário temático do centenário das Aparições de Fátima 4.º ciclo Ano Pastoral 2013-2014*. Fátima: Edições Santuário de Fátima, 2013, p. 93-107.
- Aproximações e distanciamentos do Terceiro Segredo de Fátima à simbologia babilónica do Apocalipse. *Didaskália*, 30: 2 (2000) 59-82.
- CLINES, David J. A., ed. – *The Dictionary of Classical Hebrew*. Sheffield: Academic Press, 2007, vol. VI, 125-128.

- Documentação Crítica de Fátima, I: Interrogatórios aos Videntes (1917)*. Fátima: Edições Santuário de Fátima, 1992.
- Documentação Crítica de Fátima, II: Processo Canónico Diocesano (1922-1930)*. Fátima: Edições Santuário de Fátima, 1999.
- FABRI – *sôd*, In G. Johannes Botterweck, Hekmer Ringgren ed., translated by David E. Green, *Theological Dictionary of the Old Testament*, Grand Rapids, Eerdmans 1999, vol. X, 171-178.
- LÚCIA DE JESUS – *Memórias. I*. 13.<sup>a</sup> ed. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2007.
- sôd*. In BROWN, Francis; DRIVER, Samuel R.; BRIGGS, Charles A. – *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1906, p. 691a-691b.
- sôd*. In KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter, ed. – *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Brill, 1995, vol. II, p. 745.
- SCEBO, Magne – *sôd*. In Ernst Jenni *Theologisches HandWörterbuch zum Alten Testament*. Ed.: Kaiser, 1976, vol. II, p. 144-146 [= TLOT II, 793-795].